

Falta de medicamentos no HRC prejudica atendimento

Da Sucursal de Taguatinga

O Hospital Regional de Ceilândia está enfrentando nos últimos dias a maior crise de sua história. A falta de medicamentos e de material de uso hospitalar vem causando sérios transtornos aos médicos e piorando o atendimento à população. A afirmação é do próprio diretor do HRC, Antonio Coelho, ao revelar que na farmácia interna do hospital faltam medicamentos essenciais à convalescença dos pacientes, como antibióticos. Seringas e escalpes também estão em falta no HRC, obrigando a aplicação de injeções ou soro somente nos casos de pacientes "extremamente graves".

Entre os medicamentos em falta no HRC está a penicilina (antibiótico) bastante receitado pelos médicos da rede pública. O consumo de seringas que chegava a mil e 500 unidades diárias, foi reduzido para cem unidades. A diminuição desse consumo, segundo o diretor do hospital, obriga os médicos a racionarem a aplicação de anatox-tetânica e outros medicamentos injetáveis. A falta de escalpes vem dificultando a indução de soro nos pacientes. "Já as luvas descartáveis, que também estão zeradas no hospital, complicam o atendimento, princi-

palmente, nos casos cirúrgicos", disse o diretor.

Para driblar a crise os médicos apelam para vários meios. Eles pedem, por exemplo, para que os pacientes adquiram os remédios ou a seringa nas farmácias particulares. Mas nem sempre esta alternativa apresentada pelos médicos é aceita pela população, formada, em sua maioria, por pessoas de baixa renda. "Por se tratar de uma população carente fica prejudicada a adoção dessa medida", afirmou Antonio Coelho, lembrando que a crise no hospital também irradiou-se para outras áreas. Os dois laboratórios internos do HRC e o laboratório central de Ceilândia que atendem às regionais de Ceilândia e de Taguatinga, não dispõem sequer de reagentes utilizados na realização dos exames. "Exames como VDRL e testes para gravidez estão suspensos", informou o diretor.

Compras — O diretor de recursos materiais da FHDF, Carlos Torquato, responsável pela aquisição de medicamentos e equipamentos de uso hospitalar para abastecimento de toda a rede, admitiu que muitos itens estão em falta na farmácia central. Ressaltou, contudo, que esforços estão sendo emvidados no sentido de normalizar o abastecimento nas regionais de saúde.

Ele espera que até o início da próxima semana a situação esteja regularizada.

O diretor do DRMA, da Fundação Hospitalar, explicou que no caso das seringas e escalpes a licitação já foi realizada e homologada pelo secretário de Saúde. Informou que o estoque só não foi entregue pela empresa Midilex, vencedora da licitação, devido a um acidente de trânsito. O caminhão da empresa capotou na BR 101 e a carga acabou incendiada. Disse que para suprir esta deficiência a FHDF teve que fazer às pressas a compra de um estoque menor por meio de carta-convite, saindo vencedora a Iltibras. O produto já está sendo descarregado na farmácia central da rede.

Em relação aos medicamentos, Carlos Torquato afirmou que apesar de estar em vias de regularização, o estoque depende da Central de Medicamentos (Ceme). Torquato esclareceu que a firma vencedora da licitação para fornecimento de antibióticos não manteve o preço, após os 30 dias previstos para a conclusão do processo licitatório, não entregando, portanto, o produto. "O jeito foi apelar para a Ceme que está fornecendo o produto à rede". Disse também que até o final dessa semana estará regularizado o estoque de despacilina (antibiótico).